

ASPECTOS DO “ETERNO RETORNO” DE FRIEDRICH NIETZSCHE NO FILME A CHEGADA (2016)

ASPECTS OF FRIEDRICH NIETZSCHE’S “ETERNAL RETURN” IN THE MOVIE “ARRIVAL” (2016)

Larissa Aparecida Ramos¹

¹*Graduanda do quarto ano de História do Centro Universitário do Sagrado Coração, Bauru/SP*
lari.ap_amos@hotmail.com

Data de envio: 20/12/2021

Data de aceite: 30/04/2022

RESUMO

Este artigo visa apontar algumas relações que podem ser estabelecidas entre o filme A Chegada, de 2016, e o mito do eterno retorno proposto pelo filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) em Assim Falou Zaratustra (2011), publicado em 1883. Partindo de considerações sobre o tempo, como a do físico Carlo Rovelli (2018), além de determinadas questões trazidas pelo próprio filósofo e pelos estudiosos de suas obras, como Scartett Marton (2016), buscou-se analisar de que maneira algumas situações vividas pela personagem Dra. Louise Banks poderiam ser observadas por meio da ótica da profecia nietschiana, e quais os possíveis caminhos para tal feito. Com relação à análise do tempo, na obra cinematográfica em questão, foram utilizados autores como Júlio Cabrera (2006), que analisa as intersecções entre a filosofia e o cinema, e Benedito Nunes (1995), que teoriza algumas metodologias específicas de análise de tempo nos filmes.

Palavras-chave: A Chegada. Nietzsche. Eterno retorno. Filosofia e Cinema.

ABSTRACT

This article aims to indicate some relations that can be established between the movie Arrival, 2016, and the myth of the eternal return proposed by the philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900) in Thus Spoke Zarathustra (2011), published in 1883. From considerations of time, such as those of the physicist Carlo Rovelli (2018), and specific questions raised by the philosopher himself and by scholars of his works, such as Scartett Marton (2016), we sought to analyze how situations experienced by the character Dr. Louise Banks could be observed through the optics of the Nietzschean prophecy, and what are the possible paths. Regarding the analysis of time in the cinematographic work studies, we referred to authors such as Júlio Cabrera (2006), who analyzes the intersec-

tions between philosophy and cinema, and Benedito Nunes (1995), who theorizes some specific methodologies for analyzing time in movies.

Keywords: Arrival. Nietzsche. Eternal return. Philosophy and Cinema.

*Só quem traz o caos dentro de si pode dar à luz a estrela bailarina.
(Friedrich Nietzsche, Assim Falava Zaratustra. Ed. Vozes De Bolso;
1ª edição 2011)*

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar determinadas relações que podem ser estabelecidas entre o filme *A Chegada* ou *Arrival*¹, de 2016, e o mito do eterno retorno proposto pelo filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) em *Assim Falava Zaratustra*, partindo das possíveis convergências que podem ser estabelecidas entre filosofia e o cinema, especificamente com relação ao tempo. Devido a isso, escolheu-se trabalhar com a hipótese de que a noção de tempo circular em Nietzsche pode ser válida para a compreensão da trajetória do tempo no filme citado, especificamente, na vida da personagem Dra. Louise Banks, interpretada pela atriz Amy Adams.

Partindo dessa noção de tempo circular, estabeleceu-se que há algumas similaridades entre a trajetória desta e a profecia do eterno retorno nietzschiana, bem como de que maneira elas são pensadas. Para isso, este trabalho abarca uma bibliografia que inicialmente discute a temática do tempo e de que forma ela é tratada por Nietzsche. Portanto, considerações como a do físico Carlo Rovelli (2018); alguns estudos sobre o pensamento nietzschiano desenvolvidos por Diego Meca (2012) e Scarlett Marton (2016), para além das questões elaboradas pelo próprio filósofo, mostram-se muito úteis para a resolução dessa questão.

Com relação à análise do tempo na obra cinematográfica em questão, parte-se para pensadores como Júlio Cabrera (2006), que discute a filosofia no cinema, e também para os que apresentam metodologias específicas de análise de tempo nos filmes, como Benedito Nunes (1995), e propostas para essa obra específica, como Guilherme Guedes Dezopa (2019).

Ademais, a realização desse trabalho se justifica em níveis acadêmicos e sociais. Isso porque, academicamente, os debates no Brasil sobre o filósofo despertam cada vez mais interesse e, socialmente, porque o cinema mostra-se uma forma de arte ampla e popular. Este trabalho, enfim, depois de lido, visa fazer com que as pessoas ao assistirem

¹ Título original publicado nos Estados Unidos em língua inglesa, traduzido em português-br como “A Chegada”. A CHEGADA. Direção: Denis Villeneuve. Produção: Paramount Pictures. Estados Unidos, 2016. (1h56min)

ao filme delimitado para a pesquisa, cheguem a uma análise mais aprofundada deste, e/ou até façam relações que facilitem a compreensão do conceito filosófico que é o mito do eterno retorno.

TEMPO, FILOSOFIA E CINEMA

“Por que nos lembramos do passado e não do futuro? Somos nós que existimos no tempo ou é o tempo que existe em nós? O que realmente significa dizer que o tempo “passa”? O que liga o tempo à nossa natureza de indivíduos?” (ROVELLI, 2018, p.12). É através de dúvidas como essas que o físico Carlo Rovelli em *A Ordem do Tempo*, inicia sua proposta de desintegração do tempo através de sua falsa unicidade, direção e fim do presente².

Para ele, conforme seus estudos na área da gravidade quântica, a compreensão de um mundo sem tempo se mostra promissora e belíssima, concomitante com o entendimento da estrutura que o criou, que pode ser capaz de dizer mais a respeito dos próprios indivíduos do que ao Cosmos. No entanto, as noções discutidas por ele, como os dois princípios elementares da termodinâmica³, não estiveram presentes apenas em debates científicos. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche está entre aqueles interessados nessas pautas, elaborando textos ora científicos, ora alegóricos.

Em *Nietzsche ou a eternidade do tempo*⁴, Diego Sánchez Meca apresenta uma interpretação do mito do eterno retorno proposto pelo filósofo, e de que maneira, inicialmente, esse tema chegou até ele. Influenciado pelos debates desenvolvidos pelo descobrimento dos dois princípios da termodinâmica, Nietzsche elabora uma espécie de “profecia”, que no fim das contas, apresenta-se em *Assim falava Zaratustra* como “[...] o objetivo de uma “experiência”, ou melhor, de uma decisão da vontade enquanto fundamento da prova mesma na qual consiste todo o experimento nietzschiano.” (MECA, 2012, p. 184).

Estando presente na alegoria do canto *Da visão e enigma*, segundo Meca, o personagem Zaratustra traz ao leitor um jovem pastor que está sendo asfixiado lentamente por uma serpente negra – simbolizando o niilismo –, e de que a única maneira que o mesmo possui de se salvar é mordendo ele próprio a serpente, “porque o niilismo [...] não pode ser vencido a não ser por aquele que dele parece.” (MECA, 2012, p. 185)

²A falsa unicidade proposta por Rovelli diz respeito à ideia de que não existe um valor de tempo verdadeiro, assim como a diferença entre passado e futuro refere-se a um desfoque dos próprios seres humanos com relação à temporalidade. Por fim, o fim do presente trata da ilusão do agora, pois para o físico, não existe um agora bem definido em todas as partes do Cosmos.

³A primeira lei da termodinâmica refere-se ao princípio de conservação de energia, enquanto a segunda lei ou segundo princípio da termodinâmica, possui relação com a tendência da quantidade de entropia alcançar seu valor máximo com o tempo.

⁴MECA, Diego. *Nietzsche ou a eternidade do tempo*. Cadernos Nietzsche, p. 181-196, 2012.

Essa alegoria ensina, pois, que a superação do niilismo depende de uma decisão suprema da vontade pela qual liberamos nossa existência do niilismo e damos o primeiro passo em direção a um *über*, a um além do homem (*Mensch*) como um novo modo de ser e existir. E qual é essa decisão? Como veremos em seguida, é a decisão de afirmar, de dizer sim ao eterno retorno do mesmo com tudo aquilo que ele implica e significa. (MECA, 2012, p. 185)

Em *Filosofia para Mortais, pensar bem para viver bem* (2020)⁵. Daniel Gomes de Carvalho ao tratar da obra *Assim Falava Zaratustra*, apresenta duas noções fundamentais para um melhor entendimento do conceito apresentado: o último homem e sua respectiva superação, o além-homem. Segundo o autor, para Nietzsche, a noção de decadência do Ocidente está intimamente ligada ao medo, ou seja, àquele indivíduo que, ao buscar o conforto e a segurança, acaba se afastando de sentimentos que possam transmiti-lo decepções ou fracassos, tais como as paixões. De acordo com Daniel (2020, p. 192), “o último homem é capaz apenas de buscar pequenos prazeres e doses curtas de veneno, para ter sonos agradáveis e uma morte agradável”.

O *Der Übermensch*⁶, em oposição a isso, mostra-se capaz de compreender a finitude da vida sem a utilização de crenças que possam negá-la, enquanto adquire consciência na aceitação de seu destino, mesmo que isso possa acarretar sentimentos que antes poderiam ser dispersos pelo medo. Segundo Scarlett Marton (2016)⁷, o além-homem também significaria a subversão da cultura ocidental conjunto à própria trans valorização dos valores, ou seja, a ideia de que além de destruir valores, é preciso criar outros para substituí-los, sendo estes, “*humanos, demasiado humanos*”, isso porque “prezará os valores em consonância com a Terra, com a vida e com o corpo.” (MARTON, 2016, p. 17). No *Crepúsculo dos Ídolos*, capítulo IV, Nietzsche afirma: “Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? [...] (Meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCIPIT ZARATUSTRA [começa Zaratustra]).”⁸

Em Nietzsche, citado por Marton (2016), vê-se o seguinte trecho com relação a essa questão:

Amo todos Aqueles que são gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem escura que pende sobre os homens: eles anunciam que o relâmpago vem, e vão ao fundo como anunciadores. Vede, eu sou um anunciador do relâmpago, e uma gota pesada da nuvem: mas esse relâmpago se chama o além-do-homem. (Za/ZA, I, Prefácio 4, KSA 4.18 *apud* MARTON, 2016, p.13).

⁵CARVALHO, Daniel Gomes de. *Filosofia para Mortais, pensar bem para viver bem*. HaperCollins Brasil, 2020.

⁶Geralmente traduzido como Superman, em inglês, e como Super-Homem, em português. Também pode aparecer como além-homem, como a exemplo da obra do Daniel Gomes de Carvalho. Ver mais em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/uebermensch/>.

⁷MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”. *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p; 11-46, julho/setembro, 2016.

⁸NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Companhia das Letras, 2017, p. 26.

Ademais, segundo Rossano Pecoraro citado por Daniel (2020), há três tipos de nihilismo, sendo respectivamente: o passivo, que se caracteriza pela desvalorização dos valores antigos; o extremo, que nega a importância de um Deus ou de verdades imutáveis; e o completo, que apresenta a criação de valores e a afirmação da vida. A Dra. Louise Banks, a principal personagem de *A Chegada* (2016), pode fazer com que essas questões fiquem mais próximas de nós. No entanto, detenhamos antes para de que forma o cinema e a filosofia se interconectam.

Durante séculos, a filosofia, com suas várias correntes de pensamento, estruturou-se na maior parte dos casos na escrita. No entanto, para Julio Cabrera em sua obra *O Cinema Pensa*⁹, a filosofia não está condenada à escrita, pois as imagens, assim como a escrita, podem introduzir problematizações filosóficas para autorreflexão. O cinema trabalha com imagens em movimento e, por isso, apresenta uma linguagem adequada que impacta quem estabelece contato com ela, articulando a razão com o componente emocional. A este processo vivenciado nas obras cinematográficas o autor dá o nome de *logopatia*:

Os “filósofos cinematográficos” sustentam que, ao menos, certas dimensões fundamentais da realidade (ou talvez toda ela) não podem simplesmente ser ditas e articuladas logicamente para que sejam plenamente entendidas, mas devem ser apresentadas sensivelmente, por meio de uma compreensão “logopática”, racional e afetiva ao mesmo tempo. (CABRERA, 2006, p. 10)

Segundo o autor, alguns filósofos – tais como Nietzsche – apresentaram um pensamento *pático*, pois problematizaram a racionalidade puramente lógica, considerando o elemento afetivo. Tais filósofos são nomeados por Cabrera como “cinematográficos”, pois consideram que certas dimensões da realidade devem ser “apresentadas sensivelmente” por uma compreensão impactante ao mesmo tempo, racional e afetiva. No cinema encontramos essa apresentação que gera experiências ligadas à condição humana, possuindo um sentido cognitivo e uma pretensão à verdade universal.

Aí surgem os conceitos-imagem, pois o cinema, visto filosoficamente, como afirma Cabrera, é a construção dos conceitos-imagem que impactam o público. Sendo assim, tais conceitos produzem um impacto emocional causado pela experiência do indivíduo frente à reflexão plena que o filme procura fazer. Como partem da experiência subjetiva, e podem ser desenvolvidos em um nível abstrato, os conceitos-imagem de um filme tornam-se uma análise ampla. Ou seja, existem várias possibilidades reflexivas sobre a mensagem que um filme passa ao público.

⁹ CABRERA, Júlio. *O Cinema Pensa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Em *A Estruturação Temporal no Filme “A Chegada”* (2016), Guilherme Guedes Dezopa (2019), traça uma metodologia de análise cinematográfica muito útil para este trabalho. Utilizando de conceitos advindos de Benedito Nunes (1995), o autor trata de dois conceitos fundamentais quando analisamos o tempo na narrativa¹⁰: a teoria da dupla temporalidade da narrativa e o tempo psicológico. A primeira, pode parecer complexa à primeira vista, mas advém basicamente da ideia de que toda produção possui três planos, sendo eles: a história, o discurso e o plano de ação, e que os dois primeiros podem não estar na mesma trajetória temporal.

No filme *A Chegada*, por exemplo, a história trata-se da trajetória da Dr.^a Louise Banks, que ao ser chamada para interpretar uma língua dos seres que invadiram o planeta Terra, começa a ter flashbacks do seu futuro. Esses flashbacks acabam confundindo o espectador que, à primeira vista, imagina que a Hannah (filha de Louise) já faleceu no momento que ela aceita o chamado de interceptar as mensagens dos *heptapods*. “Nesse plano é que as relações cronológicas de tempo poderão ser quebradas, ou seja, o presente pode perder a relação com o passado, com o futuro ou com os dois”. (DEZOPA, 2019, p. 17).

Já o discurso trata da organização, ou seja, é ele que faz com que o espectador depois de um tempo acabe assimilando que a filha de Louise ainda não nascera enquanto ela falava com os *heptapods*, e que todas aquelas cenas que apareciam em sua memória eram visões do que ainda estavam para acontecer.

É nesse exato ponto que se forma a dupla temporalidade, que, em outras palavras, é o momento em que a narrativa vai ser composta de duas temporalidades: a primeira totalmente flexionada e livre para quebrar as relações cronológicas, que é o da história, e a segunda que é o uso do tempo real cronológico – respeitando a linearidade passado-presente-futuro – para organizar essa história, que é usado pelo plano do discurso. (DEZOPA, 2019, p. 17).

Sobre o tempo psicológico, também denominado tempo vivido, ainda segundo Nunes (1995) citado por Dezopa, este caracteriza-se pela ideia do tempo variar de acordo da experiência de um personagem com relação ao passado, presente e futuro. Isso pode ser visto, por exemplo, com a própria personagem Louise e a maneira com que suas lembranças afetam a cronologia da narrativa, alterando-a de tal maneira que em determinado momento – citado a seguir – passado, presente e futuro se interconectam em um só tempo.

¹⁰Segundo Dezopa (2019, p. 14), narrativa “é a forma com que se conta uma história a partir dos recursos narrativos que são utilizados, o narrador seria, portanto, o escultor que iria definir o tempo e o espaço dessa história.”

Para isso, a análise realizada a seguir parte da hipótese de que pode haver algumas similaridades entre as decisões realizadas pela Dr. Louise e as questões abordadas por Nietzsche e seus estudiosos no mito do eterno retorno. Dessa maneira, é necessário a ressalva de que por mais que haja similaridades, a proposta apresentada não possui a pretensão de fazer com que essa personagem personifique o *Der Übermensch*, mas sim, de que sua trajetória pode ser analisada por um âmbito mais filosófico, e que por meio disso, traga o interesse do leitor – sendo ele um interessado em estudos nietzschianos ou não – para com a obra e a profecia.

A CHEGADA (2016) E O “ETERNO RETORNO”

Seres desconhecidos chegam à Terra abruptamente por meio de doze meios de transportes não identificados. Para decifrar sua linguagem e também compreender suas intenções, um grupo de militares estadunidense entra em contato com a Dra. Louise Banks (interpretada por Amy Adams), uma linguista amplamente reconhecida por sua produção acadêmica. Louise, com a ajuda do matemático Ian Donnelly (interpretado por Jeremy Renner), possuem como principal objetivo estabelecer uma comunicação com os visitantes do espaço. Passado, presente e futuro misturam-se no filme *A Chegada*, de 2016, baseado em “*Story of your life*”¹¹ (1999), de Ted Chiang.

Produzido pelo diretor Denis Villeneuve, com o roteiro de Eric Heisserer, *Arrival* é um filme dos gêneros ficção científica, drama e suspense, lançado pela primeira vez dos Estados Unidos em novembro de 2016, pela Paramount Pictures Corporation.

“[Louise] *I remember moments in the middle. And this was the end. But now I'm not so sure I believe in beginnings and endings. There are days that define your story beyond your life. Like the day they arrived.*”¹² É dessa maneira que o espectador tem seu primeiro contato com a trajetória de Louise, que de maneira surpreendente, faz referência a fatos que ainda não ocorreram em sua vida, gerando uma perspectiva surpreendente para quem assiste, e que talvez não compreenda de início por não se tratar de uma proposta de tempo linear. Há quem também se lembre da série *DARK*, que produzida pela Netflix e lançada em 2017, tinha como uma de suas chamadas a seguinte frase: “O começo é o fim. O fim é o começo”.

Para Nietzsche, citado por Meca, essa concepção linear do tempo acabou por incorporar-se historicamente no Ocidente por meio do cristianismo, que necessita de uma estrutura temporal composta de um início (passado), meio (presente) e fim (futuro) para se constituir. No entanto, ela não é a única, visto que essa substituiu a concepção circular presente no paganismo antigo, fundamental para a manifestação do eterno retorno.

¹¹Tradução: “História da sua vida”.

¹²3m10s. Tradução: “Eu me lembro de momentos no meio. E este foi o fim. Mas agora não tenho tanta certeza se acredito em começos e fins. Há dias que definem sua história além de sua vida. Como o dia em que eles chegaram.”

Aceitando trabalho como tradutora dos *heptapods*¹³ – nome dado aos seres não identificados que acabaram por pousar em algumas partes do planeta terra – por meio da denominada escrita semasiográfica¹⁴, a protagonista vivida pela atriz Amy Adams acaba desenvolvendo um trabalho que a permite não só conseguir a comunicação com esses seres, mas a própria visualização de seu futuro por meio deles, isso porque a compreensão de sua escrita permite a visualização do futuro de quem a consegue decifrar. Vale destacar que junto à sua equipe, está também o físico Ian, que no presente e futuro, fará parte de sua jornada. Ademais, deve-se ater a ideia de que a própria forma de escrita dos heptapods é circular, dando a impressão de que isso possa fazer referência à sua própria estrutura de pensamento (Figura 1).

Figura 1 - Momento em que Louise e Ian entram em contato com a escrita dos heptapods.



Fonte: Cena do filme à 48min33s (A Chegada, 2016).

Vale como consideração a hipótese que possa explicar esse fenômeno vivenciado por Louise, chamada *Sapir-Whorf*. Está, de acordo com Sampaio (2018)¹⁵, influenciada por teorias como o de Albert Einstein com relação às noções de tempo e espaço relativos¹⁶, tomou importantes proporções no campo da linguística por meio dos estudos de Edward Sapir (1884- 1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941), afirmando que de certo modo, a língua pode influenciar a maneira como se pensa, e conseqüentemente, na projeção de tempo deste pensamento. De acordo com Nunes (1995, p. 17) citado por Dezopa (2018, p. 16) “[...] a experiência individual, bem como a experiência social e cultural, interferem

¹³O termo heptapod é explicado no filme como: hepta (sete, em grego) e pod (pernas), designando os seres de 7 pernas.

¹⁴Que transmite significado, mas não som, e que também não se prende ao tempo ou possui direção.

¹⁵Composta de outras duas teorias, a teoria da relatividade trata do pressuposto de que os movimentos contidos no Universo não são absolutos e gerados pelas mesmas leis, mas, sim, relativos.

¹⁶SAMPAIO, Rebecca Demicheli. Linguagem, cognição e cultura: a hipótese sapirwhorf. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 56. p. 229-240, 2018.

na concepção do tempo, ao ponto de existirem diferentes correntes que estudam esse fenômeno e que desenvolvam diferentes conceitos sobre ele”.

Alterando sua capacidade de compreensão através de uma língua de um lugar que não seja o planeta Terra, os pensamentos de Louise começam a se projetar para o futuro ao invés do passado, fazendo com que ela veja momentos que ainda não viveu, e que, ao compreender isso, também perceba que algumas dessas informações poderão ajudá-la no presente. Exemplos disso são as informações do livro que irá publicar e – o momento mais emblemático do filme – o que dirá para o General Shang da China (Figura 2), intercalando várias experiências em momentos distintos do tempo em um só. Assim como no portal do instante (*Augenblick*), presente em Zaratustra, Louise intercala três dimensões, pois “viver o eterno retorno significa que as três dimensões do tempo se dão simultaneamente em cada instante da temporalidade vivida, o que torna o instante igual à eternidade” (MECA, 2012, p. 190- 191).

Isso requer, como sugere o enigma, reunir no instante presente caminhos ou avenidas dos tempos, do passado e do futuro. Portanto, é preciso ser capaz de reordenar a sucessão edípica e vertiginosa dos momentos do nosso tempo linear (passado, presente e futuro), submetendo sua pluralidade a uma unidade para que se lhes confira, assim, um sentido novo. [...] **Podemos, em certa medida, antecipá-lo e construí-lo livremente a partir do presente em função do sentido que quisermos lhe dar e nele projetar. [...]** (MECA, 2012, p. 189 e 190, grifo nosso.)

Figura 2 - Momento em que Louise conversa com o General Shang.



Fonte: Cena do filme à 1h39min58s (A Chegada, 2016).

No entanto, para além de outras passagens, a ligação mais profunda de Louise com o eterno retorno mostra-se no final, em uma das cenas mais emocionantes do filme. Depois que visualiza seu futuro, ou seja, o fato de que irá ter uma filha que morrerá ainda jovem, vítima de uma doença irreversível, e que Ian (que será seu futuro marido e pai de sua filha) se divorciará dela, a mesma não reluta. Ela aceita o que está determinado. “Pois é nesse dirigir-se à vontade e à decisão que o eterno retorno encontra seu sentido próprio” (MECA, 2012, p. 187). Milan Kundera em *A Insustentável Leveza do Ser* (2017), trabalha essa questão nietzschiana como “o mais pesado dos fardos”, pois, “no mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso de uma responsabilidade insustentável. [...] Mas será mesmo atroz o peso e bela a leveza?”. (KUNDERA, 2017, p. 11)

Em *Assim Falava Zaratustra*¹⁷, Nietzsche (2011, p. 211) afirma:

[...] A coragem mata também a vertigem à beira de abismos! E onde estará o homem senão à beira de abismos? Mesmo olhar, não será olhar abismos? [...] Mas a coragem é o melhor dos matadores quando ataca. Ela matará a própria morte porque diz: “Quê! É isto a vida? Então vamos! Mais uma vez!.

“[Louise] *So Hannah. This is where your story begins. The day they departed. Despite knowing the journey and where it leads, I embrace it, and I welcome every moment of it.*”¹⁸ É assim que Louise talvez responda à questão empreendida por Kundera, e acabe por aderir à beleza do fato de poder vivenciar e aceitar a vida como um instante eterno, não só, mas acompanhada de quem mais ama. Diz Marton (2016, p. 34) “Amar o destino é aceitar tudo o que há de mais terrível e doloroso, mas também tudo o que há de mais alegre e exuberante na vida. [...]”. Talvez não seja a jornada e seu labirinto simultaneamente alegre e assustador, mas a companhia que terá que a faça valer a pena, eternamente. Nietzsche¹⁹ (2005, p.161) afirma em *Máximas e Interlúdios* (nº 153) “O que se faz por amor sempre acontece além do bem e do mal”. Dessa maneira,

Não se trata de algo que escape à nossa liberdade e à nossa vontade, mas sim, de algo cujo sentido para nós depende daquilo que queiramos e decidamos no presente. E, do mesmo modo, o futuro já não é o âmbito do acaso, do totalmente imprevisível, mas sim, é o espaço onde desenvolvemos um projeto a partir de uma antecipação feita em função do nosso conhecimento do presente e de nossa reinterpretação do passado. (MECA, 2012, p. 190)

¹⁷NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. Ed. Vozes De Bolso; 1º ed, 2011. p.

¹⁸1h46min. Tradução: “Portanto, Hannah. É aqui que começa sua história. O dia em que eles partiram. Apesar de conhecer a viagem e para onde ela nos leva, eu a abraço, e dou as boas vindas a cada momento dela.”

¹⁹NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Companhia das Letras; 1ª ed. 2005.

Marton (2016) também evidencia como um dos temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade, a maneira com que antes mesmo da ocorrência do eterno retorno, necessita-se para além de “rebelar-se contra as diferentes formas de heteronomia” (2018, p. 18), ou seja, aos deveres impostos como um fardo, sendo necessário o reconhecimento do vir-a-ser. Para tal, insere-se a importância do esquecimento, pois “a eliminação do vírus corrosivo da culpa torna supérflua a preservação da memória, que nada mais faz do que associar dívida e castigo; admitimos o esquecimento.” (2016, p. 18). Logo, a aceitação de Louise também pode ser relacionada com a dissociação da culpa de saber o que acontecerá e mesmo assim permitir que ocorra, em que também se destaca a noção de *amor fati*²⁰. Ela realiza uma espécie de esquecimento momentâneo com relação à sabedoria da morte precoce de sua filha, para que consiga aceitar o futuro junto a ela. Junto a isso, destacado na fala “*But now I’m not so sure I believe in beginnings and endings.*”²¹, é possível enxergar uma certa superação dos valores antes estabelecidos, esses, por exemplo, com relação à linearidade do tempo, ou seja, começo, meio e fim.

Nos momentos finais do filme, a personagem inicia uma nova categoria de valor com relação ao tempo, que diferente dos outros seres humanos, consegue agora controlar o que quer ou não visualizar, e onde especificamente está essa memória no decorrer de sua vida, assim como já relatado na Figura 2.

Indicando que a vontade de potência leva os homens a abolir a culpa e castigo e querer o que já aconteceu, Zaratustra afirma: “algo mais alto do que a reconciliação tem de querer a vontade, que é a vontade de potência – mas como lhe acontece isso? Quem lhe ensinou ainda o querer-para-trás? (Za/ZA II, Da redenção, KSA 4.181 apud Marton, 2016, p. 22).

Por fim, as relações aqui empregadas demonstram, para além do caráter filosófico presente no filme *A Chegada*, as possíveis análises que podem ser estabelecidas entre a cultura de entretenimento e o conhecimento de caráter erudito. Suas conexões, a partir dos resultados apresentados, mostram-se relevantes para os estudos ora de análises cinematográficas, ora filosóficos, capaz de fazer com que tanto o pesquisador como o leitor, possam refletir criticamente quanto a essas questões.

²⁰ A noção de amor fati implica aceitar sem restrições tudo o que ocorre; ela está, pois, intimamente ligada ao pensamento do eterno retorno.

²¹ Tradução: “Mas agora não tenho tanta certeza se acredito em começos e fins.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados obtidos e apresentados anteriormente, o pesquisador crê ter possibilitado ao leitor compreender as relações que se estabelecem entre cinema e filosofia, e a maneira com que isso ocorre no filme em questão. Para melhor ilustrar o panorama desse trabalho, seu desenvolvimento pode ser dividido em três etapas: na primeira delas, o leitor deparou-se com a questão do tempo e de que maneira ele se insere nos estudos filosóficos de Nietzsche e no desenvolvimento de sua profecia.

Após, já na segunda parte, há um breve espaço para discussões metodológicas com relação a esse mesmo tempo já inserido em *A Chegada*, juntamente às questões filosóficas envolvidas nesse tema, como a maneira com que se dá a relação entre filosofia e cinema, conjunto a alguns conceitos primordiais do pensamento nietzschiano.

Na terceira e última etapa, o foco estabeleceu-se no desenvolvimento do problema situado no início, demonstrando detalhadamente os diálogos possíveis de serem realizados entre a concepção do mito do eterno retorno e algumas cenas do filme, também indicadas por figuras que auxiliam na compreensão. Ademais, observa-se a importância desse artigo para o fomento das discussões sobre os objetos aqui abordados.

REFERÊNCIAS

- A CHEGADA. Direção: Denis Villeneuve. Produção: Paramount Pictures. Estados Unidos, 2016. (1h56min)
- CABRERA, Júlio. *O Cinema Pensa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CARVALHO, Daniel Gomes de. *Filosofia para Mortais, pensar bem para viver bem*. Haper-Collins Brasil, 2020.
- DEZOPA, Guilherme Guedes. *A Estruturação Temporal No Filme “A Chegada” (2016)*. Como as características na narrativa cinematográfica do filme configuram uma reflexão sobre uma experiência no tempo. Tese de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia, 2019, 59 p.
- CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Übermensch. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/uebermensch/>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Companhia das Letras; 1ª ed. 2005.
- NIETZSCHE, Fridrich. *Assim Falava Zaratustra*. Ed. Vozes De Bolso; 1º ed, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das letras, 2017.

MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zarathustra”. *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p; 11-46, julho/setembro, 2016.

MECA, Diego. *Nietzsche ou a eternidade do tempo*. Cadernos Nietzsche. p. 181- 196, 2012.

ROVELLI, Carlo. *A ordem do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: A HIPÓTESE SAPIRWHORF. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 56. p. 229-240, 2018.